

# 48 horas a gastar o amor

*Silêncio começa na sexta-feira às 21h e só termina no domingo à mesma hora. Sempre em cena, a dupla de actores come, bebe e aproveita pausas para ir à casa de banho - mas nunca dorme*

RITA BERTRAND textos

Só entram dois espectadores de cada vez – de três em três horas, que é quanto dura o espectáculo *Silêncio*, baseado num texto circular de Rúben A., escritor introspectivo que usou a sua própria biografia para questionar a identidade individual, fragmentando-a e expondo-a sem pudores.

Depois de entrar no Armazém Abel Pereira da Fonseca, edifício devoluto de 1910 onde funcionava uma sociedade vinícola, o público instala-se num carro (um Fiat Panda cinzento, dos anos 80) – atrás ou à frente, conforme as sessões – e é daí que olha para a intimidade de um casal, representado por Cátia Terrinca e Miguel Rebelo, sob direcção

de Ricardo Boléo, numa viagem conceptual pelas relações conjugais que, em sessões contínuas, se prolongará por 48 horas, sem pausas.

O que povoa o texto (e a acção, que decorre dentro e fora do carro, em diferentes zonas do armazém) são histórias e quezílias domésticas, desavenças típicas de marido e mulher, entre silêncios e suspensões, aqueles momentos em que já não há nada a dizer, quando o amor está gasto, mas também memórias e fantasmas de relações anteriores.

A pontuar as cenas, ouve-se a música original de Alexandre Vaz – não propriamente uma partitura, mas uma colecção de ruídos que adensam o ambiente. Um exemplo é o som de ponteiros de relógio, reverberando em cordas de

guitarra, ampliado em pós-produção: o resultado é opressivo, a condizer com o cansaço que se vai avolumando nos corpos dos actores.

“Escolhi dois que conheço bem. Com a Cátia já trabalhei 10 vezes; com o Miguel, é a segunda, mas sei que ambos têm enorme resistência física. Ainda não o testámos, mas sei que vai correr bem. Ela já costuma dormir três ou quatro horas por noite, portanto não terá dificuldade em ficar acordada estas 48”, diz o encenador, Ricardo Boléo. A base do projecto da sua companhia teatral, Um Colectivo, passa, sublinha, por “trabalhar em espaços não convencionais e desenvolver experiências que reflectam sobre o lugar do espectador e o modo como os artistas se vão adaptando a condições cénicas diferentes”.

Já em *Cântico*, que o grupo estreou em Dezembro no Animatógrafo do Rossio, o público ocupava cabanas exíguas para ver quatro atrizes em registo poético, num contexto

erótico, em sessões contínuas. “Foi um êxito, esteve sempre esgotado”, garante Boléo.

Agora, o desafio para o espectador é adaptar-se à proximidade com o casal. Para os actores, é manterem-se acordados, representando, comendo, bebendo e aproveitando os bocadinhos em que um deles fica a sós em cena para ir à casa de banho.

Está tudo pensado, em termos de encenação, garante Boléo: “Quem vir o espectáculo na tarde de domingo não verá o mesmo que aqueles que o viram na sexta à noite. O cansaço vai alterar o corpo dos actores, a sua memória, o modo como o texto fluirá. Vão acabar extenuados, desgastados como o amor de um casal em crise.”

## SILÊNCIO

**Armazém Abel Pereira da Fonseca, Poço do Bispo, Lisboa**

De 27 a 29/3 || 6.ª, 21h || Sáb., 0h, 3h, 6h, 9h, 12h, 15h, 18h e 21h || Dom., 0h, 3h, 6h, 9h, 12h, 15h, e 18h

€8

Um casal em crise, num edifício devoluto



SIGA NA APP